

# Nem “raio em céu azul”, nem “diálogo de surdos”: Uma proposta para além do racismo e do anti-racismo

Por Amauri Mendes Pereira<sup>1</sup>

Tenho o amanhã, o amor e a poesia,  
Posso caminhar sem medo!  
Solano Trindade

Arrebata, descaldado, o dínamo, o amor e o pêndulo das bocas ancestrais,  
E incendeia as palavras, mandingas das origens do tempo.  
(...) Quem de nós será o escolhido para cavalgar pela superfície largada no poema antecipadamente?  
Como faz o anjo avesso em si, o anjo da linguagem, sal e pedra, sol de línguas,  
Guarda-chuva girando palavras pelas quais deslizo pelo poço e pela brevidade dos ecos,  
Pelas movediças e embaçadas lembranças, pelas palhas e pelas cordas do dissoluto amor,  
E afago, sob o nada, o barro e o repisado destino.  
Fausto Antônio

A questão racial é, hoje, pauta inarredável da agenda política nacional. Espaços específicos para essa discussão são criados em partidos políticos, sindicatos, instituições em geral da sociedade civil, manifestações culturais e religiosas, dentre outros, e em governos dos três níveis.

Como alguém que participou intensamente desse processo, tenho sido convidado para falar sobre a história do Movimento Negro Brasileiro em muitos lugares. Vou e falo com orgulho pessoal e político-ideológico: afinal, vivemos um momento de vitória e de “colheita”, depois de mais de 40 anos ininterruptos de denúncias do racismo, de demandas de igualdade, de altos e baixos de ações e de busca de diálogo com o amplo espectro dos poderes sociais, políticos, econômicos e culturais.

Na sequência da exposição é comum deparar com diferentes comportamentos:

1 – Há quem “não entenda nada (!)”: afrontados e duvidosos de que haja de fato racismo, ou “se é tanto assim”. Nesses casos... Haja paciência!

2 – O mais comum é a perplexidade com as duas histórias que costumo contar, quase sempre intercaladamente:

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Sociais-PPCIS-UERJ; Mestre em Educação-PPGEdu-UERJ; Especialista em História da África CE-AA-UCAM; Prof. Adjunto no DTPE-IE-UFRRJ

- A história do racismo/racismo no Brasil; a profunda e confortável influência das chamadas doutrinas do racismo científico emanadas do auge da “modernidade européia ocidental”, sobre a quase totalidade da intelectualidade brasileira;

- As lutas sociais dos meios negros: a crucialidade e abnegação da militância, suas organizações, discursos, êxitos em diversas regiões brasileiras, desde o início do século XX! Enfatizo ao máximo que uma história não existe sem a outra: sem racismo não haveria luta contra o racismo, seria outra história... Outra sociedade!

**De um lado a raça era um problema central** – um verdadeiro drama existencial – para os pensadores sociais brasileiros, membros das elites intelectuais que assumiam a responsabilidade de projetar o Estado nacional, o desenvolvimento da nação e da sociedade. Obrigatórios os nomes e trechos de obras de Nina Rodrigues<sup>2</sup>, de Oliveira Vianna<sup>3</sup>, de Sílvio Romero<sup>4</sup>, e a pregação racialista e racista de Arthur Hell Neiva<sup>5</sup>, dos intelectuais presentes no Congresso Brasileiro de Eugenia, em 1929<sup>6</sup>, no discurso de Afrânio Peixoto<sup>7</sup>, na Câmara Federal, em 1924, e tantos outros exemplos;

**De outro lado** a consistência, força e legitimidade de pensamentos, escritos e ações, em ambientes sociais de maioria negra em quase todas as regiões do país.

Impressiona a diversidade, qualidade e abrangência de textos em órgãos da Imprensa Negra:

O negro no Brasil não só devastou florestas, andou a cata de ouro e de outros minerais, plantou os primeiros pés da rubeácea que nos deu toda riqueza. Ele além de ser um factor da formação da grandeza primitiva, é o brasileiro que não cansa de lutar com devotado amor, em todas as atividades humanas. É o hércules das forças que se enquadram a engrandecer os incontáveis fatores da nossa nacionalidade, por que é um brasileiro lutador e forte. “O Negro no Brasil”. Jayme de Aguiar. In O CLARIM d’ ALVORADA. Junho de 1928.

<sup>2</sup> “O critério científico da inferioridade da raça negra nada tem em comum com a revoltante exploração que dele fizeram os interesses escravistas dos norte-americanos. Para a Ciência não é esta inferioridade mais do que um fenômeno de ordem perfeitamente natural, produto da marcha desigual do desenvolvimento filogenético da humanidade nas suas diversas divisões ou seções”. (...) “A raça negra, no Brasil, por maiores que tenham sido os seus incontáveis serviços à nossa civilização, por mais justificadas que sejam as simpatias de que a cercou o revoltante abuso da escravidão, por maiores que se revelem os generosos exageros de seus turiferários, há de constituir sempre um dos fatores da nossa inferioridade como povo”. RODRIGUES, Nina. Os Africanos no Brasil. 4ª ed. 1976. Cia Editora Nacional. SP.

<sup>3</sup> “De todas as raças humanas, são as indo-europeias as que acusam um coeficiente mais elevado de eugenismo. Logo, só estas nos servem, porque o progresso das sociedades e a sua riqueza e cultura são criação de seus elementos eugênicos”. VIANNA, Oliveira F.J. A evolução do povo brasileiro. Cia Ed. Nacional. SP. 3ª ed. 1938

<sup>4</sup> “Manda a verdade, porém, afirmar que uma almejada unidade, só possível pelo mestiçamento, só se realizará num futuro mais ou menos remoto, pois será mister que se dêem poucos cruzamentos dos dois povos inferiores entre si, produzindo-se assim a natural diminuição desses, e se dêem, ao contrário, em escala cada vez maior com indivíduos de raça branca... E mais ainda manda a verdade afirmar ser a mestiçagem uma das causas de certa instabilidade moral na população, pela desarmonia nas índoles e das aspirações do povo, que traz a dificuldade de formação de um ideal nacional comum” ROMERO, Sílvio. História da Literatura Brasileira. RJ. p. 294-296.

<sup>5</sup> “É ponto pacífico que só nos convém a imigração branca. Não porque o Brasil seja racista, mas porque se quisermos prosseguir o branqueamento (...) devemos auxiliar essa tendência, abrindo nossas portas à imigração branca (...) Isso não quer dizer que proibamos a entrada de elementos de cor, isoladamente (...) significa apenas que desejamos ser brancos daqui a alguns séculos e continuaremos internamente a nossa sábia política de miscigenação ampla”. HELL NEIVA, Arthur. O Problema Imigratório Brasileiro. In Rev. De Imigração e Colonização nº 3. Ano 5 p. 232.1944

<sup>6</sup> “Conclama o Estado a intervir contra os perigos de uma imigração promíscua, sob o ponto de vista dos interesses da raça e da segurança política e social da República”. Presidente: Edgar Roquette Pinto. Relator: Ignácio do Azevedo Amaral (Relatório do Congresso Brasileiro de Eugenia, apud VAINER, 1990)

<sup>7</sup> Afrânio Peixoto era, naquele momento, Ministro da Saúde, e bradava contra a vinda de imigrantes negros norte-americanos para ao Brasil. “É nesse momento que a América pretende desembaraçar-se do seu núcleo de 15 milhões de negros no Brasil. Quantos séculos serão precisos para depurar-se todo esse mascavo humano? Teremos albumina bastante para refinar toda essa escória? Não bastou a Libéria, descobriram o Brasil?” (Apud VAINER, 1990).

Difícil encontrar um texto, ao mesmo tempo poético e com essa qualidade analítica, escrito por alguém que se alfabetizara tardiamente, em situação de abandono social:

A alvorada de fé e de civismo surgiu radiante na manhã fresca de treze de maio.(...) Felizmente foi entoado com galhardia, nas ruas de São Paulo, o hymno de resistência Palmarina... Treze de maio de 88 foi um domingo de muitas esperanças para todo o povo brasileiro, que vivia aneado pela triste sorte dos pretos cativos. Este treze de maio foi também um Domingo, porém de fé e não de esperanças, porque a fé é a certeza, a esperança é a dubiedade. E de dubiedades e fracassos estamos cansados, precisamos da certeza e segurança na vitória final da raça. A esperança que trouxe a Lei Áurea foi a de não se saber o destino do negro que, embora livre das torturas, ficava desde esta data, no mais completo abandono e espoliado em tudo. A fé que trouxe este treze de maio foi a certeza no futuro, porque contemplou-se o negro majestoso na tribuna livre, saudando a aurora de 40 anos de liberdade, de trabalho e de progresso.(...) Agora devemos olhar para o presente que se apresenta grandioso, tal qual o treze de maio de 1928, onde negros de todos os matizes foram vistos, reunidos na maior confirmação da vontade da raça, nestes últimos tempos de decadência moral. (*“Os dois treze de maio”*. José Correia Leite. In O CLARIM d'ALVORADA. Junho de 1928);

Ninguém (sempre que faço essa pergunta) ouviu falar da FRENTE NEGRA BRASILEIRA. Pesquisa de Flavio dos Santos Gomes (2005) afirma que esta organização, que existiu entre 1931 e 1937, chegou a contar com mais de 60.000 filiados (mais do que o PRP-Partido Republicano Paulista, o maior e mais poderoso), especialmente na capital, mas também em incontáveis municípios do interior paulista. Além de possuir sessões em diversos estados brasileiros.

Fica fundada em São Paulo, para se irradiar por todo o Brasil, a Frente Negra Brasileira, união política e social da Gente Negra Nacional, para a afirmação dos direitos históricos da mesma, em virtude da sua atividade material e moral no passado e para reivindicação dos seus direitos sociais e políticos atuais, na comunhão brasileira. (Cap 1 dos estatutos). (referência incompleta)

E, num momento em que mulher, no Brasil, ainda não tinha direito de voto e lutava por mínimos direitos sociais e no seio das famílias, D. Eunice Cunha assumia responsabilidades de organização e – antecipando visões do feminismo contemporâneo – incitava jovens negras à insubordinação contra valores raciais- sociais:

Muito a propósito do triste conceito que fazem sobre nós, olhemos o que nos preparam. Notemos a fundação desta Escola Luiz Gama com o fim de preparar meninas de cor para serviços domésticos. Por esta iniciativa se vê que para os brancos não possuímos outra capacidade, outra utilidade ou outro direito a não ser eternamente o de escravo.(...) Mas isto não sucederá, só se não houver negros que sintam bem de perto a necessidade de nos movimentar para nossa reabilitação na vida social. A vida de um povo depende da sua juventude. Pois bem, nos além de jovens somos mulheres... Mas onde podemos trabalhar, comungar as mesmas idéias? Em toda parte... Instruindo-nos, procurando conhecer bem de perto a necessidade do negro. (*“Apelo às Mulheres Negras”*. Nice. In O CLARIM. Abril de 1935)

Se ainda hoje é comum deparar com o desvalor entre negros e negras, quão precioso se mostra o olhar agudo e a leveza de Ghandi Araújo que deixam entrever a valorização da mulher e das afetividades no meio negro.:

Não tenham vergonha de quando rabiscarem poemas para suas namoradas mulatas e pretinhas dizerem o que elas verdadeiramente são. Procurem imagens adequadas e está tudo salvo. Lembre-se que só é ridículo o que é irreal. E só existe beleza onde há sinceridade. (*“Literatura Negra”*. Ghandi Araújo. In TRIBUNA NEGRA. Setembro de 1935)

Aqui a maturidade do pensamento social no meio negro – que realizou aquele momento político por excelência – sua crítica aguda à hipocrisia nas relações sociais e políticas daqueles tempos:

A Convenção Nacional do Negro Brasileiro, que se realizou nos dias de novembro último nesta capital, foi apenas a reunião de intelectuais negros, mulatos, mestiços e brancos, do povo em geral, para traçar rumos sociais e políticos a todos aqueles que pretendem acabar com a hipocrisia social reinante e que procuram lutar para valorizar o negro brasileiro. O sentido político da Convenção não é de caráter partidário. Visamos fazer um teste com a nacionalidade. Queremos ver, de fato, quais são os partidos, os homens, as sociedades e empresas que são verdadeiramente democráticas e que não se envergonham da pele escura do homem brasileiro. (*“Diretrizes da Convenção do Negro Brasileiro”*. Aguinaldo de Oliveira Camargo. In SENZALA. Janeiro de 1946).

Abdias do Nascimento, embora paulista de Franca, interior de São Paulo, se tornava a principal liderança nos meios negros da capital da República no meado do século XX. Aqui vai um trecho de seu texto convocatório do Congresso do Negro Brasileiro, que se realizou em Outubro de 1950, organizado pelo TEN-Teatro Experimental do Negro<sup>8</sup>:

Iniciativa sem precedentes na história do homem de cor no Brasil. (...) Pretende dar uma ênfase toda especial aos problemas práticos e atuais da vida da nossa gente de cor. (...)Dará uma importância secundária, por exemplo, às questões etnológicas e menos palpitantes, interessando menos saber qual seja o índice encefálico do negro, ou se Zumbi suicidou-se realmente ou não, do que indagar quais os meios que poderemos lançar mão para organizar associações e instituições que possam oferecer oportunidades para a gente de cor se elevar na sociedade. (Jornal Quilombo n° 5. Jan. 1950)

Esses trechos de textos de jornais da Imprensa Negra, dos anos 20,30, 40 e 50, constituem, evidentemente, apenas uma pequena parte do que veio a lume, em pesquisas de Florestan Fernandes, de Roger Bastide, de Clóvis Moura e Miriam Nicolau Ferrara<sup>9</sup>. E ainda assim impactam, porque o imaginário social brasileiro foi

<sup>8</sup> Esse Congresso foi a culminância de um processo de anos de articulação nos meios negros. Há registros de, pelo menos, duas Convenções, em São Paulo e Rio de Janeiro (1945 e 1947), e uma Conferência Nacional do Negro, em 1949, no Rio de Janeiro.

<sup>9</sup> Todas as citações que utilizo foram extraídas de originais de exemplares de jornais negros – fontes primárias – cedidos por Henrique Cunha Jr., José Correia Leite, Raul Joviano do Amaral e Aristides Theodoro, durante a pesquisa apoiada pelo IBASE-Instituto Brasileiro de Análise sociais e Econômicas, que Yedo Ferreira e eu realizamos entre 1980 e 1982, que gerou o vídeo Frente Negra Brasileira e outros textos e intervenções. Este vídeo está disponível em três partes:

<http://www.youtube.com/watch?v=j4H-dqC4Kug>

<http://www.youtube.com/watch?v=E9wfuqzbyfg>

blindado contra a raça. Explico: a força do mito da democracia racial (por sinal mais que sedutor!) criou na grande maioria dos(as) brasileiros(as) de todas as cores, senão a admissão, mas pelo menos, o desejo e perspectiva de que aqui a raça não fosse um problema. E tudo desmorona ao deparar com argumentação fundamentada e referenciada demonstrando que... “Infelizmente, não é assim”!

Pior (ou melhor, depende do ponto de vista) ainda, quando, na sequência, apresento uma atualização – uma série de novas referências bibliográficas e de comentários devidamente referenciados – do amplo e vertiginoso impulso do Movimento Negro Brasileiro, e de seu corolário, o “fuzilamento” e desconstrução do mito da democracia racial, em todas as regiões do país a partir dos anos 70.

Abordo a afirmatividade dos clubes negros no sul: no Rio Grande<sup>10</sup>, no Paraná, em Santa Catarina<sup>11</sup>; o testemunho nas “veredas da sobrevivência” de negros na Amazônia<sup>12</sup>; quilombolas que se urbanizaram ou não, mas disputam espaços no centro-oeste e no nordeste à frente de organizações culturais e políticas<sup>13</sup>; o exemplo de uma derivação política – a Frente Negra Pernambucana<sup>14</sup>; a resistência da Comunidade dos Arturos, de quase 150 anos, em Contagem, na região metropolitana de Belo Horizonte – apenas um exemplo de incontáveis comunidades negras e de lutas que atravessaram o século XX, em Minas Gerais<sup>15</sup>; Lutas de quilombolas rurais e semi-urbanos do Rio de Janeiro<sup>16</sup>, do Espírito Santo<sup>17</sup>, etc, etc.

Compreendo e procuro lidar com a perplexidade da maioria. Tem fundamento. Porque na historiografia que chega aos livros didáticos, na literatura em geral, nas crônicas e intervenções da intelectualidade mais influente que colonizam os meios de comunicação, nada daquilo existe! Fora dos estereótipos sobre espaços e situações de criminalidade e miséria, e dos “lugares de negros” – atividades esportivas e manifestações culturais e artísticas folclorizadas – onde há negro e protagonismo negro na história social do Brasil, no século XX?

A questão racial, por sua vez, foi sempre invisível e/ou ocultada como um problema na formação e desenvolvimento de nossa sociedade!<sup>18</sup> Resumindo: o “mito” da

[http://www.youtube.com/watch?v=jL\\_SOM-moSw](http://www.youtube.com/watch?v=jL_SOM-moSw)

10 Os clubes sociais negros surgem, então, como um contraponto à ordem social vigente. Vêm de encontro aos clubes brancos, que não permitiam a entrada de negros em seus quadros sociais, muito menos a convivência pacífica e “miscigenada” das etnoculturas. (ESCOBAR, 2010).

11 Júlio César DA ROSA. Sociabilidades e territorialidade: a construção de sociedades de afrodescendentes no sul de Santa Catarina (1903/1950). Dissertação de Mestrado PPGH-UDESC. Florianópolis. 2011

12 MORAES PINTO, Benedita Celeste de. Nas veredas da sobrevivência: memória, gênero e símbolos de poder feminino em povoados amazônicos. Editora Paka-Tatu. Belém. PA. 2004.

13 Importante a referência do CCN-Centro de Cultura Negra, e do Bloco Afro Akomabu, núcleo central na retomada das lutas negras e quilombolas no Maranhão:

<http://www.ebc.com.br/cultura/2014/02/primeiro-bloco-afro-do-maranhao-akomabu-completa-30-anos>

14 SILVA, Fátima Aparecida. A Frente Negra Pernambucana e sua continuidade como Centro de Cultura Afro-Brasileiro. In O Movimento Negro Brasileiro: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil. (Orgs). PEREIRA, A.M. e SILVA, Joselina. Editora Nandyala. Belo Horizonte. 2009

15 SABARÁ, Romeu. A comunidade negra dos Arturos: o drama de um campesinato negro no Brasil. Faculdade de filosofia, Ciências Sociais e Letras da Universidade de São Paulo, 1997.

16 Caso do Quilombo do Sacopã, no Rio de Janeiro, [https://www.epochtimes.com.br/lei-protége-quilombo-sacopa-no-rio/#.Vw-3R\\_krLIU](https://www.epochtimes.com.br/lei-protége-quilombo-sacopa-no-rio/#.Vw-3R_krLIU) (acessado em 10.04.2016).

17 SILVA, Sandro José. Quilombolas no Espírito Santo: identidade e territorialidade. Revista DIMENSÕES. vol. 18. 2006

18 Como reza o mito da democracia social, aqui haveria harmonia entre as raças. A mestiçagem seria o grande exemplo

democracia racial foi (para alguns “retardatários”, ainda é) muito eficaz.

Certamente que houve avanços teóricos e práticos: acadêmicos engajados e a militância negra vêm trazendo à tona lacunas e incompletudes sobre a raça e sobre a presença negra na história social. Mas ainda, em geral, como coisas estanques. E que só “aparecem”, para quem procura.

## INCORPORANDO A DIMENSÃO POLÍTICA À TEORIA

O que tenho ousado é uma interpretação da história social recente em nosso país, como de luta entre DOIS CAMPOS DE PODER: o “racial” e o da luta contra o racismo.

O racismo não está mais “sozinho em campo”, não é mais o único sujeito. E negros não são apenas vítimas. (Por sinal, a sensação de vítima é anestésica. Pior do que o impacto da discriminação ostensiva. A discriminação pode inibir, mas impacta, alerta e gera reação, ainda que subjetiva. A vitimização gruda na alma, na pele, nos cabelos... E leva ao emparedamento de que falava Cruz e Souza).

Até os meados do século a **raça** (a convivência com raças inferiores) era um nó, angustiando as “elites” nacionais brasileiras descrentes daquele povo negro e mestiço<sup>19</sup>. As políticas públicas de segurança, de saúde, de educação, de habitação<sup>20</sup> “cegas à cor” – na verdade, cegas à questão racial – eram convenientes, servindo à manutenção do *status quo*. Mas a resistência e a insurgência negra impuseram a hegemonia das matrizes africanas na “cultura popular”, o que alertou o conjunto das elites intelectuais para peculiaridades de nossa formação social – daí certas concessões, quase sempre individuais ou para pequenos grupos, ou “protegendo”, “reconhecendo o valor”, ajudando, um negro(a) aqui, outro(a) ali...

O pensamento social brasileiro que arquitetou o sistema de poder e valores amplamente hegemônicos logrou muitos êxitos, especialmente no que tange ao acúmulo e concentração de riquezas, de recursos materiais de todo tipo, e ainda no que se refere a certos avanços institucionais e à consolidação de estruturas de poder e funcionamento do Estado nacional.

Questão racial??? Ora, isso que, na virada do XIX para o XX, parecia fácil de resolver com a imigração européia<sup>21</sup> e a eliminação gradual do sangue negro e indígena através da mestiçagem, em direção ao branqueamento (afinal o sangue branco era mais forte, superior!!!), aos poucos, já na segunda e terceira década, se mostrava um problema.

brasileiro para o mundo. Seríamos, desse ponto de vista de Gilberto Freyre e incontáveis seguidores, a única nação e sociedade do mundo sem problemas raciais.

19 Interessante que, em países europeus e nos EUA, muitos membros das elites brasileiras crentes de sua brancura, se surpreendiam ao verem que não era bem assim... Paulo Prado, autor do livro Retrato do Brasil, em que teoriza sobre a existência de três raças tristes, no Brasil. Este eminente membro de “família paulista quatrocentona” reclamava de que, inexplicavelmente (!!!), sofrera discriminação racial nos EUA.

20 A crônica policial está recheada de exemplos: o “tipo padrão” do criminoso, conforme apreendido por agentes policiais; a própria organização das polícias e formas de atuação diferenciadas de acordo com a região onde ocorre. Pode-se imaginar “mandados de busca e apreensão coletivos” em Ipanema, como se faz em favelas? Isso é absolutamente contra a legislação vigente, e, no entanto, comum nas áreas segregadas da pobreza, sempre de maioria negra, em todas as regiões brasileiras.

21 Decreto lei 528 “É inteiramente livre a entrada nos portos da República, dos indivíduos válidos e aptos para o trabalho, que não se acharem sujeitos à ação criminal de seu país, **exceptuados os indígenas da Ásia e da África...**” (Decreto-lei nº 528. 28.06.1890)

Aquela intelectualidade que realizou o Congresso de Eugenia, em 1929<sup>22</sup>, precisou de muita habilidade para resignificar seu antigo ideário, de “lavar a mancha negra” da sociedade brasileira, depois do “escândalo” Casa Grande e Senzala! Nesse livro Gilberto Freyre “humilhou”! Meteu pela goela da intelectualidade o reconhecimento do valor do negro, como co-colonizador(!), e afirmou a importância da mestiçagem como “redentora da nacionalidade” e garantidora da paz social, induzindo à harmonia entre as raças<sup>23</sup>!!!

Aquela intelectualidade zelosa de sua pertença/afiliação europeia, asfixiada em sua colonialidade interna (Mignollo, 2005), percebeu que – face àquele quadro de teimosia negra em não sucumbir – era melhor a solução teórica envolta em encanto literário, de Gilberto Freyre! Uma saída conveniente perante a espinhosa evidência de que mestiçagem não branqueava... Mestiçava! Refém de tanta habilidade, as elites “tiveram de engolir” determinados referenciais históricos, simbólicos, estéticos, negros de origem, que hoje constituem a chamada identidade nacional brasileira.

Verdade que em Casa Grande e Senzala foram sublimados conteúdos políticos, de resistência e insurgência, exacerbadas a culturalidade e exotismo dos *negros*, e etnicizadas e guetizadas suas instituições. Dali em diante o negro era visto como importante na formação brasileira. Mas... Em seu lugar(!) – culinária, crenças, cantos e danças vistas como folclóricas, indumentárias, as habilidades corporais vistas como heranças de primitivismo, etc, etc. Preconceito e discriminação racial foram vistos como episódicos e individualizados. E é evidente que a invisibilização da questão racial tem um papel central para o êxito desse quadro que vigorou a partir dos meados do século XX, e ainda hoje tem força. Mas é possível dizer que apenas o racismo é o responsável? Só ele é sujeito? Se negros são, também, sujeitos, quais suas responsabilidades? Ser ou não ser dialéticos – eis a questão.

## QUANDO “O MUNDO SE DESPEDAÇA!”

A perplexidade é simpática até certo ponto – os dados apresentados são fortes e desconhecidos, com fundamento em pesquisa. E então vêm as perguntas: Por que essas interpretações ainda são invisíveis? O que podemos fazer?

E então quem fica perplexo sou eu. Não tenho – de fato, não tenho – uma resposta. Podemos responder (como Malcom X), NADA! Nós negros é que vamos fazer: criar

22 O trabalho de Carlos Vainer (1990) é demais útil, mostrando a racialização das políticas públicas como constitutivas na construção do Estado nacional republicano. Giralda Seyferth (1997) é outra autora com preciosa pesquisa sobre a imigração, colonização e o papel do racismo, no esforço de branqueamento da sociedade brasileira. Nancy Stepan (2005) apresenta o quadro da eugenia na América Latina: o desprezo das populações nativas e a tentativa de intensa imigração no esforço de branqueamento e europeização das sociedades, em quase todas as novas nações latino-americanas. Wanderley Souza (2006) que estudou o surgimento das sociedades de eugenia em São Paulo e Rio de Janeiro e o papel de um de seus principais animadores – Renato Kehl – pode ajudar a entender a amplitude e intensidade desse processo e a imaginarmos seus efeitos na vida social ao longo do século XX, ainda que pretenda “absolver” os eugenistas brasileiros, como se a chamada eugenia negativa fosse “do mal” e a eugenia positiva fosse “do bem”.  
23 Sim, Casa Grande e Senzala também consignava ao negro “um lugar”: uma condição étnica, exótica, “outra” em relação à persona branca desejável e desejada pelas elites intelectuais. Cada um no seu lugar: os mais claros na Casa Grande, os mais escuros na Senzala.

nossa nação negra e dar adeus à América!?!...

Podemos convidá-l@s a participarem do Movimento Negro, das entidades, eventos, discussões, etc?!?! Isso aconteceu muito. Foi ótimo nos anos 70 e 80, exemplos admiráveis de pessoas brancas “chegarem junto” e incorporarem “com tudo” a idéia de Consciência Negra e da necessidade do engajamento.

Não há, com certeza, uma resposta certa! “*Se fazem os caminhos, caminhando*”. Porque a partir dos anos 90 tudo mudou. Primeiro, devido ao desgaste daquele modelo de organização negra baseado na abnegação e no voluntarismo de uns poucos. Segundo, que o avanço e a repercussão daquelas lutas abriram oportunidades, através da cooperação internacional e de alianças junto a diversos setores da sociedade. Terceiro que, tanto o desgaste da militância quanto as novas oportunidades abertas, se conjugavam à percepção difusa, para muit@s verdadeira frustração, da “insensibilidade branca”<sup>24</sup>.

Foram criadas, então, novas formas de organização e luta no Movimento Negro: não mais a prioridade para espaços e oportunidades de convencimento, esforço lento e cotidiano, mas **ações afirmativas**. Alianças políticas e ideológicas, bom senso e boa vontade são bem vindos, mas o que interessava mesmo era negociação direta, espaços concretos, planejamento, metas e **Leis!**

\*\*\*\*\*

Um cisma cindiu alianças antigas e, outrora, bem cultivadas.

Boa parte de estudiosos das relações raciais e de pessoas progressistas que se pretendiam e eram vist@s como antirracistas se indispueram com a virada diferencialista do Movimento Negro Brasileiro, com as demandas e, adiante, a adoção de ações afirmativas e cotas.

Não dá para alongar sobre a exacerbação de conflitos políticos e ideológicos em torno da questão racial que galvanizou a sociedade brasileira no final do século XX e na primeira década do século XXI<sup>25</sup>. Vale registrar, no entanto, que em 1995 o governo federal instituiu um GTI-Grupo de Trabalho Interministerial encarregado de propor um plano de enfrentamento do racismo institucional e de negociar programas, projetos e espaços institucionais e políticos junto aos ministérios.<sup>26</sup> E que, em julho de 1996, a Sec. Nac. de Direitos Humanos, do Ministério da Justiça realizou o Seminário Internacional *Multiculturalismo e Racismo: o papel da ação afirmativa nos Estados democráticos contemporâneo*. Episódio impar, reunindo acadêmicos brasileiros e estrangeiros e militantes negr@s durante vários dias. Evidente que se houvesse

24 Essa expressão é de Florestan Fernandes, no livro *A integração do negro à sociedade de classes*, analisando as razões do fracasso das lutas negras desde o início do século XX, em São Paulo.

25 Fiz isso, em parte, em minha tese de doutorado, no capítulo 2 “**Do Movimento Negro à Cultura de Consciência Negra**”. E em **Reflexões Pós-Freyreanas Sobre Armaduras e Armadilhas da Etnicidade**. In *Afro-Brasil: Debates e Pensamentos*. (Orgs) Jacques D’ Adesky e Marcos Teixeira de Souza. Cassará Editora. Rio de Janeiro. 2015.

26 A criação do GTI resultou da Marcha do Movimento Negro a Brasília. O presidente da República recebeu uma comissão representativa d@s muit@s milhares de militantes negr@s e não negr@s antirracistas de todo o país, que ocuparam a Esplanada dos Ministérios em 20 de novembro de 1995 – “**Contra o Racismo, Pela Cidadania e a Vida**”. Houve, naquela oportunidade, extensa e extraordinária programação cultural e artística. Entre outras, a versão integral da Missa dos Quilombos, de Milton Nascimento e Pedro Casaldáliga, com Orquestra sinfônica e coro, além do próprio Milton Nascimento – era a celebração dos 300 anos de Zumbi dos Palmares!

resultados importantes tod@s saberiam...

Semelhantemente, o que terá resultado dos incontáveis momentos de debates em universidades, e nos mais diferentes espaços políticos, sociais e culturais, sempre opondo militantes negr@s e acadêmicos, ou personalidades de mídia, ou da política institucional em todas as regiões? Ao final da década, este ímpeto de discussões foi se atenuando, cada parte mais aferrada às suas convicções.

Ao longo desse período, na verdade, o que acontecia era um diálogo de surdos. E não são pouc@s, mesmo no campo progressista, @s intelectuais renomad@s, personalidades influentes em diversos setores da sociedade, e até no seio da “gente comum”, que se encastelaram no campo do anti-antirracismo, já que no Brasil não há racistas!

### FAZER CAMINHOS, CAMINHANDO!

O Marx com o qual eu argumento no início de muitas exposições<sup>27</sup> ajuda a entender aquele pessoal. No mesmo livro, ele prefere e defende a radicalização de setores do proletariado que se lançam loucamente contra o golpe, “*que pretendiam assaltar os céus*”, do que a arrogância perplexa e inerte de várias das lideranças da revolução de quatro anos antes. Ele diz que “a história não se faz como quer, mas sim de acordo com as condições vigentes, legadas pelo passado”.

Como é útil esse argumento contra @s que se compraziam com a militância negra enquanto não havia conquistado tal protagonismo e amealhado forças para enfrentar a “coisa morna”, a discursividade, os rituais de debates e proposições sem resultados práticos!

A nova postura e a pregação por cotas e ações afirmativas adotadas pela maior parte da militância negra, à medida que avançavam os anos 90, passaram a ser vistas como insensatas e sectárias.

Já era! Perdiam espaço entre aquela militância as idéias igualitaristas, antes quase absolutas, que se voltavam para a sociedade, buscando reconhecimento da importância de “nossos problemas” e lutas, e que pretendiam “somar com o conjunto das lutas sociais”!<sup>28</sup> E ganha força a pugna diferencialista.

Porque aos poucos a percepção dominante entre a militância negra era de que “estávamos por conta própria”. Concessões de espaços demarcados e insinuações de alianças era o melhor a fazer para importantes segmentos intelectuais e políticos – docemente constrangidos cediam ao “politicamente correto”. Havia muito mais “jogo de cena” do que esforços sinceros de aprofundar discussões e compartilhar a construção de estratégias e ações para efetivo enfrentamento da questão racial.

<sup>27</sup> A questão das cotas para negros na educação caiu sobre a opinião pública brasileira como “um raio em céu azul” (daí o título desse texto!). Esta célebre metáfora de Marx no livro *O Dezoito Brumário de Luís Napoleão*, se refere a uma “tragédia” política – um golpe de Estado – que surpreendeu e paralisou a esquerda revolucionária francesa, em 1852. Tornou-se um alerta aos analistas de que é necessário iluminar o fundo dos processos políticos, sociais e culturais, onde germinam os elementos que surpreenderão os incautos e desavisados.

<sup>28</sup> “É missão do Movimento Negro construir uma identidade política que considere as questões de gênero, raça, e classe e seja capaz de ampliar a luta contra o racismo na perspectiva de contribuir para a transformação da sociedade”. Em *Traçando Diretrizes: Relatório do 1º Seminário de Planejamento Estratégico da Coordenação Nacional de Entidades Negras-Aracajú*. SE. 4-8 de Maio de 1994. Pg. 19

Lembrando aquele Marx vale afirmar que a maioria da militância negra e antirracista fez o melhor possível naquelas condições: “*Foi do jeito que deu prá ser*”. Vale para analistas e para agentes antirracistas: seria muito mais fácil lutar, se se soubesse, de antemão, qual é a boa!

\*\*\*\*\*

Se “o mundo se despedaça”, outro mundo é possível!

Se a República foi inaugurada com dois campos de poder, ao longo do século XX e até agora muita coisa mudou no interior de cada um deles. De um lado e de outro, há segmentos que já perceberam pontos comuns e possibilidades, e mesmo necessidade, de diálogos. No interesse do aprimoramento das instituições e da vida social, precisam se encontrar, e não apenas para reiterar as verdades que “estão aí”.

- **Para os/as mais progressistas do campo de poder racial** (menos incautos e desavisados em relação à questão racial), digo que os argumentos apresentados acima constituem um esforço de pensar adiante, história e contexto “com óculos brasileiros” (outra preciosa metáfora utilizada por Marx naquela análise).

Lacunas e incompletudes na teoria social, demais eurocêntrica e aferrada à orientação dos clássicos, dificultam leituras e teorizações, mais consistentes sobre o que aconteceu, para traçar perspectivas, estratégias e ações capazes de enfrentar com mais êxito o racismo, as desigualdades raciais, e conjunturas adversas como a de 2016. Desigualdades raciais, no Brasil, fundamentam e naturalizam as desigualdades sociais, favorecem a “margem de manobra” e a legitimação de espaços de poder, dificultando a produção de novas consciências sociais, capazes de enfrentar com êxito a complexidade dos novos tempos e desafios.

Que tal construirmos espaços públicos de discussão da questão racial, como fator de reprodução das desigualdades sociais?

### PARA O LADO DE CÁ, OS/AS QUE SE SENTEM SEGURAS(OS) EM POSIÇÕES CONQUISTADAS: NÃO, MANTER COMO ESTAVA

- **Para o lado de cá, os-as militantes que se sentem seguros-as em posições conquistadas**

Esse é o máximo que pode o Movimento Negro e o anti-racismo no Brasil? A institucionalização da luta contra o racismo, ações afirmativas e cotas, conquistas de espaços e da enunciação política: será esse o fim da linha?

Parece que somos chamados a ir em frente: mais força, mais conquistas, mais responsabilidades, mais desafios.

Em texto recente eu digo:

É um equívoco pensar no Movimento Negro Brasileiro apenas como resposta ao racismo. Queira ou não, saiba ou não, a militância negra não cuida mais apenas de si e dos seus – Tudo é seu! A questão racial está no cerne do sistema de poder e de valores e refina a reprodução do abismo de desigualdades sociais. Ao rasgar esse véu o Movimento Negro chamou para si a

responsabilidade de compartilhar, graças ao acúmulo de lutas e massa crítica, e como garante moral, perspectivas de aprimoramento do Estado e da sociedade brasileira. (PEREIRA, 2012).

Seremos capazes de (como preconizou Joel Rufino dos Santos, mais de trinta anos atrás) nos colocarmos no epicentro da crise brasileira e, desde fora do espectro das culturas hegemônicas, vislumbrar soluções?

Se hoje somos mais da metade da população, isso precisa valer: nada de pedir ou simplesmente e comodamente propor – é nossa, também, a responsabilidade de encerrar a virada diferencialista que “foi o que deu prá fazer”, e inaugurarmos nova enunciação política-ideológica-estratégica capaz de dizer: NÃO TEMOS A RESPOSTA!!!

Seremos capazes de explicitar a perplexidade geral – dos anti-antirracistas progressistas - com o que houve e estava encoberto e a nossa com a descoberta de que é preciso “reprogramar” a função dos conhecimentos produzidos, e juntxs construir novos caminhos e ações, capazes de construir para (manter prá) valer(!) igualdade de oportunidades, justiça social, democracia?

#### REFERÊNCIAS:

- ESCOBAR, Geane Vargas. Clubes Negros: Lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial. Dissertação de mestrado. PPGPPL-UFSM. 2010
- GOMES, Flávio dos Santos. Negros e Política (1888-1937). Jorge Zahar Editor. RJ. 2005.
- HENRIQUES, Ricardo. Raça e gênero nos sistemas de ensino: os limites das políticas universalistas na Educação. UNESCO. Brasília. 2002.
- \_\_\_\_\_. Desigualdade Racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90. IPEA, Texto para discussão nº 807. 2001
- LANGER, Edgardo (Org). A colonialidade do saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais – Perspectivas latino-americanas. CLACSO livros. Buenos Aires. 2005
- PEREIRA, Amauri Mendes. “Toma que o filho e seu...”: Políticas públicas pragmáticas e outros desafios na institucionalização da Luta Contra o Racismo. Revista da ABPN vol 3, nº 7. Março a junho de 2012
- PEREIRA, A.M. e SILVA, Joselina (Orgs). O Movimento Negro Brasileiro: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil. Editora Nandyala. Belo Horizonte. 2009
- SEYFERTH, Giralda. Eugenia, racismo e o problema da imigração no Brasil. In Alves, I. e Garcia, H.M. (Orgs). Anais do VI Seminário Nacional de História da Ciência, RJ. SHBC. 1997
- SOUZA, Wanderley S. A política biológica como projeto: a “eugenia negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde-Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz. RJ. 2006
- STEPAN, Nancy. A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.
- VAINER, Carlos. Estado e raça no Brasil: notas exploratórias. Estudos Afro-Asiáticos nº 18. RJ. 1990